

DA BIOGRAFIA À HISTÓRIA DE VIDA – PERCURSO DE UMA JOVEM

Catarina Sofia Casanova Ramalho

O presente trabalho pretende compreender os fossos e nexos que separam e unem a investigação biográfica e a investigação com histórias de vida. Estes dois tipos de investigação, apesar de diferentes, interseccionam-se entre si, ou seja, são complementares.

A investigação biográfica, segundo Demaziere e Dubar (cit in Silva, 2007: 77), “consiste na recordação de episódios, na sua interpretação e na articulação temporal do passado, presente e futuro, inserindo-os numa história com um sentido”.

A investigação com histórias de vida permite compreender os elementos gerais contidos nas entrevistas pois, como refere Brandão (2007), a história de vida permite captar

o que escapa às estatísticas, às regularidades objetivas dominantes e aos determinismos macrossociológicos, tornando acessível o particular, o marginal, as ruturas, os interstícios e os equívocos, elementos fundamentais da realidade social, que explicam por que é que não existe apenas reprodução, e reconhecendo, ao mesmo tempo, valor sociológico no saber individual. (2007: 10)

A história de vida como método de estudo em investigação qualitativa

As histórias de vida são entrevistas exaustivas com os atores sociais com objetivo de obter uma narrativa dos seus percursos de vida. Falar de investigação biográfica não é construir uma história ou uma biografia pessoal com fim terapêutico ou histórico, mas reelaborar uma nova vivência, partindo de fragmentos de vida que nos ajudam a dar um valor único mas extrapolável para a compreensão da realidade comum a todos os atores sociais (Cortes, 2011) comprometidos socialmente com os valores e com as mudanças do seu “habitus”.

Estes depoimentos são, por norma, destinados a ser utilizados como forma de

compreender aspetos básicos do comportamento humano (Bogdan & Biklen, 1994). Neste tipo de metodologia é importante o ponto de vista de quem está a narrar. Este tipo de investigação compreende um estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou grupos de indivíduos. Este tipo de técnica encontra-se associado à hermenêutica, ou seja, à interpretação da informação (Delgado, 2008).

Como forma complementar à narrativa das histórias de vida, pode-se recorrer à análise documental: registos médicos e jurídicos, testes psicológicos, entrevistas a familiares ou pessoas próximas. O objetivo deste tipo de estudo é, fundamentalmente, apreender e compreender a vida conforme é relatada e a forma como o próprio indivíduo interpreta a sua história. Do lado do investigador importa salientar o aspeto da capacidade de escuta e de reflexão. Através das histórias de vida individuais podemos caracterizar a prática social de um grupo, família ou indivíduo.

Assim, a “entrevista individual”, direta ou indiretamente, ajuda a compreender uma quantidade de valores, definições e atitudes do grupo ao qual o indivíduo pertence. A história de vida é enriquecedora do ponto de vista reflexivo na medida em que permite ao indivíduo refletir sobre a sua história enquanto a descreve. Esta metodologia permite ao investigador apreender aspetos que por vezes não são percecionados noutras metodologias, nomeadamente a observação direta, o inquérito, entre outras. Assim, “através da biografização, os sujeitos produzem uma dada história que reconduz a uma certa ideia de si mesmos” (Delory-Momberger, cit in Lechner, 2009: 5).

Não se pode descurar que esta metodologia não é estanque e que depende fortemente da população com que se está a trabalhar. Para a obtenção de resultados, o mais reais possível, é necessário o estabelecimento de uma “relação de ajuda” numa abordagem centrada na pessoa. Assim, “nesta abordagem o profissional tem de criar as condições relacionais que permitam àquele que pede ajuda, encontrar a melhor solução, o melhor caminho para si, no sentido de ultrapassar as suas dificuldades ou problemas” (Nunes, 1999: 61).

Este processo de “autodescoberta” pela pessoa dos seus próprios recursos e potencialidades permitir-lhe-á adquirir maior confiança em si própria e conseqüentemente um aumento de autonomia, maior empenho e responsabilidade pelas suas decisões. Por outro lado, permite-lhe descobrir as suas capacidades e limitações e daí maior consciência de si como pessoa e maior preparação para enfrentar situações difíceis no futuro. (*ibidem*: 62)

Este tipo de método pode ser utilizado numa perspetiva de intervenção, investigação

ou até mesmo numa perspetiva de certificação académica. Esta última torna-se visível na medida política das novas oportunidades, através da qual os sujeitos obtêm a sua certificação narrando a sua história de vida junto de um profissional especializado na área das Ciências Sociais. Pois, tal como refere Canário,

O adulto em situação de formação é portador de uma história de vida e de uma experiência profissional (...). Mais importante do que pensar em formar este adulto é refletir sobre o modo como ele próprio se forma, isto é, o modo como ele se apropria do seu património vivencial através de uma dinâmica de compreensão retrospectiva. (1999: 21)

Este tipo de certificação académica baseou-se no conceito pilar de “educação e formação ao longo da vida”, na qual está subjacente a

própria visão do processo de desenvolvimento de pessoa, quer ao nível de aquisição de conhecimentos, de competências e de capacidades para a vida – pessoais, sociais, profissionais, cívicas e éticas, que pressupõe um processo de construção da pessoa e que mobiliza uma multiplicidade de dimensões (que não meramente cognitivas nem comportamentais), de acordo com a visão antropocêntrica. (Pires, 2005: 32)

Relato de um percurso de vida: do biográfico à história de vida

Ana nasceu a 2 de janeiro de 1994, no Hospital de S. João, na freguesia de Paranhos, concelho do Porto. Segunda filha de Eva Sofia Sousa Ferreira e de António Ferreira Almeida, Ana vivia com os pais, o irmão mais velho, André Almeida (que tinha na altura do seu nascimento um ano e cinco meses) e com os avós paternos nas Fontainhas.

A Ana viveu em casa dos avós paternos até aos quatro anos. Frequentou o infantário das Fontainhas e, como a mãe trabalhava, a jovem passava muito tempo com a tia materna (casada com o tio paterno), Maria, que se lembra de lhe dar “açorda” de que ela gostava. A Ana estava com o pai poucas vezes, porque este estava muitas vezes detido por roubo (roubava para comprar droga: começou a consumir com 14 anos).

As primeiras vezes que esteve detido (tráfico de estupefacientes ou delitos associados a este: roubo, etc.) ficou em Custódias e, depois, foi para Bragança, onde ficou até dezembro de 2006. Ana recorda que, desde o seu nascimento, o seu pai esteve mais vezes detido do que na companhia da família.

Aos fins de semana a Ana e o André iam com os seus avós visitar o pai. Foi assim que começaram a relacionar-se melhor. Com os avós maternos, a Ana e os seus irmãos convivem muito pouco. A avó vive no bairro de Francos, está separada do marido há vários anos, mas não lhe dá o divórcio “porque quer ficar com a reforma dele”. O avô tem outra família que a Ana não conhece. A avó materna teve quatro raparigas, todas estudaram (não sabe até que ano) menos a mãe, que só fez até ao 6º ano porque não gostava da escola.

Ana recorda-se de um episódio marcante quando tinha três anos, em que o seu irmão foi hospitalizado para uma desintoxicação depois de ter ingerido “uma pastilha de droga” que o pai deixou espalhada pelo quarto. Ana relata que o seu pai roubava dinheiro e bens de casa, como TV, relógios, ouro. Não tinha qualquer relação com os filhos porque quando não estava preso estava com os amigos. Nunca foi agressivo (física e verbalmente) com os filhos ou com a esposa, sendo habitual levar os amigos para consumir dentro de casa. Tinha a Ana quatro anos (o pai estava detido) quando a sua mãe saiu de casa (deixando o André ao cuidado dos avós paternos) para ir viver com o seu atual companheiro. Foram viver para Valbom (Gondomar) num apartamento, arrendado à câmara pela mãe do padrasto, com três quartos, cozinha, sala, despensa, duas casas de banho e duas varandas que davam para a rua. A Ana ainda frequentou o infantário das Fontainhas algum tempo, mas a mãe acabou por a retirar pois não trabalhava. Entrou para a escola primária de Gondomar, a qual frequentou até ao 2º ano, ano em que reprovou pela primeira vez devido às faltas. A jovem referiu ficar em casa com a mãe a fazer-lhe companhia.

Os avós eram proprietários de um edifício de dois andares, onde viviam. No rés-do-chão tinham uma mercearia e um tasco onde ambos trabalhavam. Este edifício foi demolido aquando da construção da ponte do Infante e os avós receberam uma indemnização. A Ana não sabe o valor desta, mas recorda que os avós compraram um andar em Gaia, deram dinheiro a todos os filhos (três rapazes) e fizeram uma poupança no banco. A avó ainda possui terras e duas casas na Serra da Estrela que lhe foram deixadas em herança pelos pais.

Nesta altura a Eva pediu a guarda do seu filho André, que viveu até então com os avós e com o pai. Esta separação não foi “bem aceite” pela família paterna que, recorrendo ao tribunal, tentou ficar com a guarda do menor. Segundo a Ana, como o pai era toxicodependente não ficou com a guarda de nenhum filho, mas ficou decidido pelo tribunal que estes iriam para casa dos avós paternos ao fim de semana. A Ana não

gostou da ideia porque não tinham qualquer relação com a família materna. Pelo contrário, o André “sentiu muita falta dos avós paternos”.

Enquanto viveu com os avós e, por isso, também com o pai, André participava dos roubos a carros e a edifícios com o pai e os amigos. Ana recorda que num dos fins de semana que estavam com o pai foram apanhados a roubar perfumes de uma perfumaria do Shopping Via Catarina e o pai, diante dos polícias, passou a responsabilidade para o André, que assumiu de imediato um erro que não cometeu.

Com a guarda dos dois filhos, Eva teve que voltar a trabalhar nas “limpezas”. Até então vivia apenas do salário do companheiro que trabalhava como pintor. Nesta altura fica grávida da Paula. No ano seguinte, a família mudou-se para o Freixo tendo ido viver para a casa da mãe do Sr. Fernando Pereira Costa (companheiro de Eva). Quando se mudaram para a casa do Freixo, a mãe do padrasto arranhou-lhe emprego como vigilante num parque de estacionamento no Infante, onde já trabalhava um irmão.

Nesta altura, a Ana muda novamente de escola, tendo feito o 3º e 4º anos na Escola Primária de Francos. O irmão mais novo de Ana, Filipe, nasce no Freixo, na parte superior da casa. Enquanto isso, a mãe continua a trabalhar como empregada doméstica. Entretanto, mudam-se para a parte inferior da casa. A mãe deixou de trabalhar quando o Filipe nasceu para poder tomar conta do bebé e da sua filha mais pequena que, como tinha encoprese, estava muito tempo em casa e no hospital com infeções.

Era uma casa muito velha e, ao lado, morava um senhor já de idade que tinha muitos cães... era um cheiro horrível. A casa onde moravam era da mãe do padrasto. Pagavam uma renda “baixa, mais baixa do que os outros” inquilinos. Entretanto mudaram-se para a Corujeira com o objetivo de terem mais condições. Contudo, a mãe e o padrasto dormiam numa cama na sala. As raparigas (Ana e Paula) partilhavam um quarto e os rapazes (André e Filipe) outro.

A Ana tem uma relação mais próxima com padrasto do que do pai. Não se lembra de viver com o pai, de brincar, de passear. Quando mais crescida, começou a sair com o pai mas na companhia dos avós. Estes sim, são “importantes” na vida da Ana. Lembra-se de, quando era pequena e não havia mais crianças em casa, jogar monopólio com a mãe e o padrasto. O pai, da última vez que esteve detido, tirou o curso de Hotelaria (Braga).

Ana faz parte de uma família atualmente constituída pela mãe, pelo padrasto e por três irmãos. Os dois irmãos mais novos (de três e sete anos) são fruto da relação da mãe com o seu atual companheiro. A Ana e o irmão mais velho (17 anos) são filhos do

primeiro casamento da mãe. Atualmente, apesar de possuírem uma casa em Gaia, continuam a viver nas Fontainhas, numa casa alugada. Os avós viveram toda a vida neste local e por isso não se quiseram separar dos vizinhos e amigos.

Expectativas acerca da escolarização dos filhos

Há cerca de um ano e meio, a mãe de Ana deixou de ter direito ao Rendimento Social de Inserção (RSI) por se ter recusado a cumprir as obrigações parentais, designadamente garantir que os seus filhos frequentassem a escola e a deixar de remeter para Ana as tarefas domésticas e de prestação de cuidados aos irmãos mais novos.

Várias vezes tentamos estabelecer contacto com a senhora, a fim de conversar sobre as faltas da Ana e sobre o “mau” comportamento do filho na escola, na sequência de uma intervenção da Comissão de Proteção de Menores, sobre o facto de a Ana se apresentar na escola sem material escolar. Em todas elas, a D. Eva evitou conversar connosco... fazia de conta que não estava em casa... E a única vez que falou connosco foi para nos dizer que nada tínhamos a ver com a educação da Ana... “que se ela não queria ir à escola, o problema era dela...”; “a Ana só falta porque quer... Porque eu mando-a ir para a escola...”

A relação entre mãe e filhos parece evidenciar baixíssimas expectativas sobre o futuro escolar e profissional dos filhos, a ausência de cuidados aos filhos, podendo mesmo dizer-se, sem correr grandes riscos, que chega a haver uma inversão de papéis. Com efeito, a Ana levanta-se todos os dias às 6.30h da manhã, dá banho aos irmãos, de três e sete anos, e leva-os à escola.

Ana é privada das brincadeiras e de momentos de lazer, sendo obrigada a tomar conta dos irmãos. O irmão mais novo frequentava um infantário relativamente longe de casa, obrigando o uso de transportes públicos. Ana estava encarregada de o levar e buscar diariamente. Por esse motivo, chegava frequentemente atrasada à escola. Por seu turno, este irmão deixou de frequentar o infantário com a justificação de não ter ninguém que o levasse ou de ficar sempre doente quando frequentava o infantário. Segundo a Ana, o menino passou a ficar em casa sozinho, uma vez que o seu pai, vindo do trabalho noturno, dormia durante a manhã.

O André não tem qualquer relação com o padrasto. Este ano letivo frequentou o 7º ano na Escola do Cerco, mas reprovou por faltas. Agora, como já não é obrigado a ir

para a escola (fora da escolaridade obrigatória), passa o dia na rua com os amigos do bairro do Cerco. Para a Ana “não é mau de todo”, porque assim “levo o Filipe de manhã à escola e é menos uma tarefa que sobra para mim”.

O Filipe tem uma relação de extrema afetividade com a irmã é ela que ele procura para dormir, quando está doente ou quando quer brincar. Quanto à Rita “essa só pensa em estudar”, é uma aluna muito aplicada, estuda sempre sozinha, é a melhor da turma, e “quando está no hospital, obriga-me a ir à escola buscar os trabalhos de casa”, “quer ser médica e já estuda para isso”, “está sempre sozinha a estudar... deve ser como a madrinha dela que é enfermeira, mas agora até já é doutora”. A casa onde vivem atualmente pertence ao padrasto, ele pediu um empréstimo ao banco e está a pagar (350€) por mês. Para pagar todas as despesas, a mãe começou a trabalhar em mais turnos... às vezes trabalha aos sábados e aos domingos. Nunca chega a casa a hora certa, nunca sei o horário dela.

A mãe trabalhou sempre como empregada de limpeza em firmas. Enquanto recebeu o RSI foi obrigada a tirar um curso (escolheu de cabeleireira), mas nunca trabalhou como tal, “não gosta”. O padrasto começou por trabalhar com uma pessoa da família na construção civil – trolha. Depois zangaram-se e foi trabalhar como pintor (foi o irmão que lhe arranjou). Trabalha como vigilante há três anos, já mudou várias vezes de emprego, mas agora está num parque de estacionamento.

A Ana integrou as atividades de um centro de acompanhamento ao estudo no ano letivo transato, a pedido da CPCJ, devido às reprovações seguidas (duas vezes no 5º ano) por faltas.

Durante aproximadamente oito meses houve um trabalho de concertação entre a CPCJ e o centro de estudo, na tentativa de que a encarregada de educação se responsabilizasse pelas suas tarefas de educadora.

Apesar das reuniões feitas com a D. Eva, esta continuava a não cumprir o que ficava estipulado na CPCJ. Continuava a ser Ana a responsável pela educação dos seus irmãos (levantá-los de manhã, dar-lhes banho, o pequeno almoço, ir levá-los e buscá-los à escola e ficar com eles em casa e/ou no hospital quando ficavam doentes...), o que fazia com que não fosse à escola.

Contrariamente à ideia da diretora de turma, que procura incessantemente um curso de formação profissional para a Ana, esta diz querer continuar no centro de estudo e no ensino regular. Sabe que tem capacidades e se “andarem sempre em cima de mim vou conseguir acabar o 9º ano e quem sabe até o 12º e depois, talvez, até ir para um curso de

formação profissional”.

Escolarização da família

A mãe tem o 6º ano (frequentou o 7º), o padrasto tem o 5º ano e o pai o 6º ano (todos os tios paternos tiraram um curso superior “os meus avós faziam questão”, o pai não estudou mais porque entretanto começou a “viver para a droga”. A Ana não sabe bem a profissão de todos os tios: um é radiologista, o outro trabalha no escritório de uma empresa – talvez economista/gestor).

Qual o momento mais marcante na tua história/Um momento feliz da tua vida?

Antes da avó paterna ter duas trombozes (ficou com a boca de lado) gostava de estar com os avós paternos. Iam almoçar juntos, davam muitos passeios... “começaram a aproximar-me do meu pai...”, “eu gostava de estar com eles... não ia para lá por causa do meu pai... nunca tive relação com ele...”

Relativamente a um momento mais negativo, destaca-se o dia em que o meu padrasto bateu no seu irmão Fernando. Atirou-lhe com uma planta para a perna e marcou-o. A mãe ficou chateada e fez queixa na polícia, que posteriormente deu lugar a um processo na CPCJ. Segundo a Ana, esta foi a primeira e única vez que o padrasto bateu no Fernando: “Não tinha nada que lhe bater, não é filho dele... nem foi criado com ele”, “Eu ainda... talvez... porque ele é mais meu pai do que o meu verdadeiro. Afinal foi ele que me criou... só me lembro dele quando era criança... não me lembro do meu pai”.

Da discussão à conclusão

A presente história de vida contempla o percurso de uma jovem com insucesso e em risco de abandono escolar. Na perspetiva de entrevistadora, fui o mais imparcial possível, para que todas as conversas decorressem de forma aberta, sem a minha intervenção. Esta história foi narrada pela jovem, por um período de um ano, pois à medida que ia desenvolvendo uma “relação de ajuda” com a jovem, esta ia aumentando

o seu grau de confiança e, conseqüentemente, sentia-se mais à vontade para falar. Esta relação permitiu despoletar na jovem determinados sentimentos e emoções até então omitidos e até mesmo falseados. Este método permitiu compreender o percurso de vida da jovem e explicar as causas do seu insucesso escolar. Desta forma, foi possível depreender que existe uma forte desvalorização da escola por parte da família e desequilíbrios familiares pautados por divórcios, instabilidade residencial, alteração frequente do agregado familiar, consumo de substâncias psicotrópicas, situações de roubo e de desresponsabilização das competências parentais. Desta forma, tal como refere Delgado (2008), esta reconstituição da história é uma alavanca, o futuro da/s relação/ções e a chave que permite introduzir as mudanças nas práticas educativas.

O insucesso escolar é fundamentado através de vários fatores, contudo, segundo Bourdieu e Passeron (cit in Duarte, 2000), os mecanismos de índole cultural, ou seja, a herança cultural, são os que se revelam mais significativos para o aparecimento deste fenómeno social. Não obstante, as razões económicas, a origem social e a desestruturação familiar podem ser considerados fortes motores de exclusão social e, conseqüentemente, manifestam-se em fenómenos como o do insucesso escolar.

Assim, o relato da história de Ana permitiu captar, de forma minuciosa, aspetos que não eram visíveis em outros contextos (entrevistas e visitas domiciliárias), através de uma categorização da realidade e do percurso de vida da jovem, pois como refere Vala (1989: 110) “A classificação, a categorização, é uma tarefa que realizamos quotidianamente com vista a reduzir o meio ambiente, estabilizá-lo, identificá-lo, ordená-lo ou atribuir-lhe sentido”.

Por fim, a história apresentada não contém as reais identificações dos indivíduos envolvidos, nem se encontra completa, por uma questão de confidencialidade, pois como referem Bogdan e Biklen,

as identidades dos sujeitos devem ser protegidas, para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhes qualquer tipo de transtorno ou prejuízo. O anonimato deve contemplar não só o material escrito, mas também os relatos verbais da informação recolhida durante as observações. (1994: 77)

Bibliografia

Bogdan, Robert, & Biklen, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação: Introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Brandão, Ana (2007). *Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica*. Braga: Centro de Investigação em Ciências Sociais, Universidade do Minho.

Canário, Rui (1999). *Educação de adultos: Um campo e uma problemática*. Lisboa: Ed. Educa,

Cortes, Pablo (2011): El sentido de las historias de vida en investigaciones socioeducativas: Una revisión crítica. In Fernando Hernández, Juana María Sancho & José Ignacio Rivas (Coords.), *Historias de vida en educación: Biografías en contexto* (pp. 68-74). Barcelona: Esbrina. Retirado em 29 de Setembro de 2012 de <http://hdl.handle.net/2445/15323>

Delgado, Paulo (2008). *Crianças e acolhedores: Histórias de vida em famílias*. Porto: Profedições.

Duarte, Maria (2000). *Alunos e insucesso escolar: Um mundo a descobrir*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Lechner, Elsa (2009). Histórias de vida: Olhares interdisciplinares. In Elsa Lechner (Org.), *Introdução: O olhar biográfico*. Porto: Edições Afrontamento.

Nunes, Odete (1999). Uma abordagem sobre a relação de ajuda. *A Pessoa Como Centro: Revista de Estudos Rogerianos*, 3, 5-6.

Pires, Ana (2005). *Educação e formação ao longo da vida: Análise crítica dos sistemas e dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagens e de competências*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Silva, Susana (2007). Sem-abrigo: Métodos de produção de narrativas biográficas. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, 2, 69-82.

Vala, Jorge (1989). A análise do conteúdo. In Augusto Silva & José Madureira Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais*. Porto. Edições Afrontamento.